

A INCLUSÃO DOS ALUNOS ESPECIAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Paulo Francisco Sales Guilhermes¹

RESUMO: Este artigo tem como perspectiva apontar o conceito de indisciplina, observando a importância de fazer um trabalho voltado para levantar a auto estima das crianças, como também reconhecer como se dá um trabalho pautado na prática cooperativa de Vygotsky Nesse sentido, na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Maria de Lourdes Elias Dantas foi realizada pesquisa de campo ao AEE (Atendimento Educacional Especializado), para refletir de perto a importância e o procedimento psicopedagógico da escola. Assim, o objetivo deste trabalho é analisar à luz das teorias e da observação *in loco*, a importância do trabalho pedagógico com a teoria sócio histórica de Vygotsky na educação evidenciado a prática pedagógica como um aspecto efetivo no sucesso da educação. Para tanto, o trabalho vai focar a visão de alguns autores como: Souza (2004), Freire (1989) e dentre outros que discorrem da temática.

PALAVRAS-CHAVES: Indisciplina. Prática cooperativa. Sujeito. AEE.

INTRODUÇÃO

Sendo a indisciplina um tema muito complexo, tentaremos através deste trabalho mostrar que a prática cooperativa e o método de mediação da teoria sócio-histórica de Vygotsky, pode diminuir os comportamentos indesejados que as crianças apresentam, tendo em vista que o foco de todos os educadores é o processo de ensino aprendizagem.

Outro fator importante é a falta de alternativas metodológicas do profissional de ensino, impondo o aluno a uma aula rotineira e cansativa onde ele ouve e reproduz tudo o que ouviu. A escola dispõe de um projeto político pedagógico voltado para conter a atenção e a formação do aluno mais ativo, onde a criança possa descarregar toda sua energia.

A prevenção da indisciplina está relacionada a organização pedagógica da escola, quer dizer, a indisciplina e a disciplina são um produto das relações pedagógicas estabelecidas entre os diversos protagonistas da realidade escolar e o espaço, como um

¹ Mestrando em Ciência da Educação pela World University Ecumenical; Pós-graduado em Psicopedagogia Institucional, Clínica e Hospitalar CECAP; Neuropsicopedagogia Institucional e Clínica Faculdade Sucesso- FACSU; Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB; Licenciatura em Pedagogia pelo Instituto de Educação São Judas Tadeu IESJT; Professor atuante nos anos finais do Ensino Fundamental a nível municipal Interessa-se pelas áreas de Geografia, Ciências e Ensino de Geografia. E-mail: paulofranciscosb2015@gmail.com

ambiente que favoreça e dê suporte não só ao aluno mais metodologicamente aos profissionais. Neste sentido, estamos a questionar: Como minimizar a indisciplina no contexto escolar? Que diretriz pedagógica permite enfrentar o fenômeno?

Buscando respostas para tais questões, partimos do princípio de que a escola desenvolve um trabalho pautado na metodologia sócio histórica do conhecimento, em que os alunos serão trabalhados pela forma cooperativa de modo que o grupo troque entre si conhecimentos pré-existente, como também os adquiridos ao longo do processo. Com tudo é importante ressaltar que a inclusão, é um meio positivo assegurado legalmente por atendimento via do AEE (Atendimento Educacional Especializado).

Assim visando compreender como se dá esses comportamentos e como minimizá-los nas instituições, realizamos uma pesquisa bibliográfica e de observação de campo, objetivando contribuir com a melhoria da aprendizagem dentro das instituições escolares, onde abordaremos os conceitos básicos de indisciplina, apresentaremos a teoria sócio-histórica de Vygotsky e a zona de desenvolvimento real e proximal que a criança apresenta.

Para tanto foi observado o processo e ensino especializado psicopedagógico do AEE na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Maria de Lourdes Elias Dantas. A metodologia utilizada para elaboração da presente produção acontece de duas maneiras, ao conhecimento bibliográfico dos estudos da obra de Vygotsky e de pesquisa de campo à escola localizada no município de São Bento na Paraíba.

2 CONCEITOS DE INDISCIPLINA

A educação é um processo de desenvolvimento da capacidade físico, intelectual e moral do ser humano. Assim, introduz-se no projeto para escolarização, a perspectiva da educação moral e o preparo dos indivíduos para a convivência social e para o respeito às normas coletivas, que implica processos de ordenamento e regulamentação de condutas em torno da disciplina.

Para entendermos melhor como se dá a disciplina dentro dos limites educacionais, refletiremos primeiro sobre o conceito de disciplina. Segundo Ferreira (2001, p. 239), a disciplina consiste em um: “Regime de ordem imposta ou mesmo concedida; ordem que convém ao bom funcionamento de uma organização; relações de subordinação do aluno ao mestre; submissão a um regulamento; qualquer ramo do conhecimento; matéria de

ensino”.

A disciplina não é apenas uma maneira passiva de se agir, mas, um respeito mútuo, onde as normas e limites são colocados para que se possa trabalhar, desenvolver e transformar a realidade sem agredir a já existente. Para Freire (1989)

(...) Toda disciplina envolve autodisciplina. Não há indisciplina que não gere ao mesmo tempo o movimento de dentro para fora, como não há uma disciplina verdadeira se não há a capacidade. O sujeito da disciplina tem de se disciplinar. Eu diria que há duas disciplina, em relação as vezes contraditórias, que marcam a diferença com a indisciplina. Quer dizer, na indisciplina, tu não tens autodisciplina nem disciplina. Quer dizer, a indisciplina é a licenciosidade, é o fazer o que quero. A disciplina é o fazer o que posso, o que devo e o que preciso fazer. Fazer o que é possível na disciplina, tornar possível o que é impossível diz respeito necessariamente ‘a vida interior da pessoa. É assim que a presença da autoridade é absolutamente indispensável.

Nessa visão de autodisciplina o homem deve ser consciente de seus atos, conseguindo ajustar-se no meio atual social identificando o que pode, o que deve e o que é preciso fazer não só porque são regras impostas pela sociedade, mas, sim por que é de vital importância para o seu próprio crescimento pessoal, como um ser pensante e agente transformador dessa sociedade da qual está inserido.

Historicamente as concepções de indisciplina sofrem modificações. A princípio, disciplina era o nome de um instrumento retangular, feito com couro, que possuía, na parte inferior, cinco cordas ou chicotes, contendo três nós cada um, e que servia para castigar aqueles que desobedecessem as regras de convivência social. No antigo Egito, disciplina era sinônimo de bons modos e de obediência aos mais velhos. Já no Médio Império Egípcio, significava poder manter a atenção, não se dispensar. Na Grécia Antiga, ser disciplinado estava relacionado à sexualidade e a moral.

Já houve época em que a disciplina era concebida como obediência cega. Mais recentemente, a disciplina foi concebida como forma de organização social para boa convivência e até como exercício de autonomia voltado para o desenvolvimento das possibilidades pessoais, grupais e sociais.

Mediante todos esses conceitos, é possível observar que, na maioria das escolas, a única disciplina desejada é aquela que visa controlar o comportamento dos alunos para manter a ordem sob o controle. Entretanto, na sociedade competitiva da qual fazemos parte, se faz necessário um trabalho voltado par tornar os educandos seres capazes de tomar decisões coerentes, de acordo com suas necessidades sociais e culturais. Nessa perspectiva, a escola deverá organizar suas normas a volta de um conjunto de

procedimentos práticos que envolvam a opinião dos pais, professores, alunos e auxiliares, cultivando uma nova visão da escola face aos alunos.

Atualmente o grande foco da crítica e da atribuição de responsabilidades pelos problemas de indisciplina na escola está sendo o aluno e, em particular sua família. De fato, percebemos muitas famílias desestruturadas, desorientadas, com hierarquia de valores invertida em relação a escola, transferindo responsabilidades suas para a instituição escolar. A família não está cumprindo sua tarefa de fazer a iniciação civilizatória estabelecendo limites e regras desenvolvendo hábitos básicos. Há também aqueles que educam de forma inadequada. É o caso das crianças que recebem uma educação autoritária, apanham e recebem castigos severos dos pais, essas não conseguem se adaptar a ambientes democráticos. Se vierem de lares destruídos, ou se os seus responsáveis não sabem dar limites, apresentam comportamentos agressivos. Em consonância com isso Rebelo (2002, p.46) diz que:

Nesse contexto, a tarefa de ajustamento do ser humano à sociedade, que cabe à disciplina executar por meio da relação interpessoal vertical, portanto de poder, acaba criando alguns problemas contra aquilo que ela própria deseja, ou seja, acaba criando resistências e reações indesejadas sobre a ordem e o controle instituídos. Com isso, a produtividade e o lucro para quem a disciplina serve ficam ameaçados.

Outro aspecto a ser considerado perante a indisciplina são os valores e conceitos que antes eram repassados hierarquicamente de pai para filho, hoje são confrontados com os valores apresentados pelas novas tecnologias midiáticas os quais permitem aos jovens outros saberes. Além disso, recebem informações dos colegas e amigos, dos meios de comunicação social, da rua e praça que frequentam, sendo a maior parte informada lugares que não frequentam e a tecnologia os permite conhecer virtualmente.

2.1 Fundamentos históricos de Vygotsky

A teoria de Vygotsky está centrada na ideia de mediação, feita principalmente pela linguagem, seja ela verbal ou simbólica. Sendo uma condição indispensável para o desenvolvimento da criança que com muita facilidade conseguirá representar as situações do cotidiano. Pois é pelo uso da linguagem que a criança compreenderá os sistemas simbólicos e chegará a abstrações e generalizações.

Por isso, é importante lembramos que os sistemas simbólicos, se interpõem entre

o sujeito e o conhecimento, tendo um reflexo direto no social. Assim, o ser humano conseguirá demonstrar em forma de símbolos a realidade ao qual está inserido, que é cheio de significados permitindo-lhe uma construção e ordenação do mundo.

Souza (2004, p. 139) comenta que:

“Isso se justifica porque é a cultura que propicia ao ser humano os sistemas simbólicos da representação da realidade e, por meio deles, o universo de significações que permitem construir uma ordenação, uma interpretação dos dados do mundo real”.

Com essa visão é entendido que o ser humano só conseguirá aprender aquilo que tem um significado para sua vida cotidiana, por isso as funções psicológicas estão sempre baseadas em sistemas simbólicos, onde as operações são construídas de fora para dentro e a linguagem será seu principal instrumento, possibilitando as pessoas entrarem em contato com o objeto do conhecimento, facilitando assim o próprio pensar e agir. Possibilitando ao ser humano a aplicação das suas habilidades aplicando seu conhecimento para transformar um objeto de estudo, assim, estará incorporando novos saberes aprendendo a transformar seu conhecimento e transformar o mundo ao qual está inserido.

Assim podemos entender a diferença entre conceito espontâneo e conceito científico, que para Vygotsky, os conceitos espontâneos referem-se a aprendizagem do cotidiano, enquanto que, os científicos são aqueles adquiridos por meio do ensino realizado numa escola ou fora dela, mas sempre construído de maneira sistematizada, organizada.

Dessa forma o significado vai se constituindo de pensamento e linguagem e ao mesmo tempo, um fenômeno verbal e intelectual. Onde o ser transmite seus conhecimentos que estão cheios de significados não sendo uma mera acumulação de ideias mais uma associação entre sujeito e objeto, ou seja, o sujeito aprende para agir e age aprendendo, aprende e transforma sua realidade, levando-o a se empenhar na reflexão e na discussão de um pensamento autônomo. Com tudo isso, a comunidade escolar vai transformar-se num mundo investigativo e o professor será um mediador dessa aprendizagem. Por isso ele deve estar preparado para mediar os conflitos e resoluções dos problemas. Assim é importante que o mediador compreenda o significado que a criança atribui ao problema e que ele não pode deixar de agir na contribuição da resolução do mesmo.

O sentido da escola para o aluno. O aluno muitas vezes se torna indisciplinado

porque a escola não tem significado para ele, pois o mesmo não consegue ver na escola uma saída para sua vida futura, uma forma de buscar seu crescimento intelectual.

2.2 Zona de desenvolvimento real e proximal que a criança apresenta

Para Vygotsky (1999) a ideia de mediação é o que ele determinou de zona de desenvolvimento proximal. Conceito que indica a distância entre o nível de desenvolvimento real, determinado pela maneira como a criança consegue resolver sozinha os seus problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, marcado pela determinação e a maneira como ela resolve os problemas quando recebe a mediação de um adulto ou em colaboração com colegas mais adiantados ou um adulto mais experiente, colocando em prática o trabalho cooperativo.

Ao ser desenvolvido esse trabalho de mediação, a criança aprenderá a fazer mais coisas do que faria sozinha. Assim a zona de desenvolvimento proximal definirá a zona de aprendizagem de um indivíduo, de modo que essa aprendizagem torna-se um momento essencial dentro do processo ensino aprendizagem. Se o educador conhece essa dimensão pedagógica entenderá todo o processo cognitivo percorrido pela criança para melhorar sua zona de desenvolvimento real, que é a aprendizagem consolidada.

Como afirma Souza: (2004 p. 141) “a zona de desenvolvimento proximal define, portanto, a zona de aprendizagem de um indivíduo, de modo que a aprendizagem torna-se um momento constitutivo essencial do desenvolvimento”.

Assim todo educador para poder compreender determinados comportamentos apresentados pelas crianças devem buscar o estudo da teoria de Vygotski, pois o mesmo define claramente que, ao não ser bem orientadas e estimuladas para desenvolver um trabalho cooperativo, as crianças possivelmente ficará dispersos, apresentando falta de interesse em resolver seus próprios problemas.

Seguindo essa teoria todo educador deve ter como foco a zona de desenvolvimento de cada indivíduo, trabalhar sobre ela e auxiliar a criança superar as lacunas na sua aprendizagem. Atuando na zona de desenvolvimento proximal, os professores compreendem as necessidades do aluno. Sabem o que ele precisa aprender, reconhecem o foco de seu desenvolvimento. No motivo que o deixa indisciplinado e disperso.

Outro suporte básico na teoria de Vygotsky é que as brincadeiras e jogos têm um papel importante no estímulo na zona de desenvolvimento proximal, sendo que ao atuar

em um cenário imaginário levará a criança a seguir regras e comportamentos que estabeleceu junto aos demais colegas. Assim essa zona pode ser entendida tanto quantitativamente quanto qualitativamente.

Qualitativamente, pode ser observada quando as funções cognitivas estão ausentes, ou seja, a criança age por si só, só se manifestando quando ela for mediada. Podemos entender por quantitativamente, a média da diferença de rendimento da criança com ou sem ajuda. Em Souza (2004, p. 141) vamos encontrar o seguinte esclarecimento: “Qualitativamente, indica as funções cognitivas que estão ausentes quando a criança age por si mesma, e que só se manifestam quando ela é mediada. Quantitativamente, essa zona é uma média da diferença de rendimento da criança sem e com ajuda”. Podendo ser concebida como uma zona em que os conceitos espontâneos já existentes. São comparados aqueles conceitos científicos introduzidos pelos educadores, havendo assim uma interação entre os dois tipos de conhecimento, tornando-se com real significado para o educando, pois o mesmo terá simplesmente que assimilar um conhecimento com outra pessoa.

Ao estudarmos a teoria de Vygotsky, devemos entender que a sua concepção de ensino e aprendizagem, é um processo que tanto envolve quem ensina quanto quem aprende, ou seja, é uma via de mão dupla, existindo uma troca de aprendizagem. A presença do outro é indispensável para a organização dos significados e perpetuação ou transformação da cultura.

Na opinião de Souza (2004, p. 142) “A presença do outro ser social pode estar expressa em várias situações, como objetos ou a organização do ambiente, dos significados e, enfim, da cultura que nos rodeia”. Dessa forma podemos dizer que as crianças internalizam conceitos, sem que para isso seja preciso passar por um processo de instrução. Todavia isso não significa que devemos menosprezar o papel da instrução, tão pouco a escola que é o lugar onde se aplica intencionalmente essa instrução. Em Souza (2004, p. 142) vamos encontrar o seguinte esclarecimento.

As crianças internalizam alguns conceitos, sem que para isso precisem passar por um processo de instrução. Isso não quer dizer que se deva menosprezar o papel da instrução. Pelo contrario, a escola é o lugar onde o processo intencional de aprendizagem deve ocorrer, uma vez que foi criada pela sociedade para transmitir determinados conhecimentos e formas de ação no mundo. O professor é uma pessoa real, presente junto àquele que aprende. Sua função é interferir no processo de aprendizagem e, portanto, no processo de desenvolvimento.

Dessa forma, todo professor deve ser consciente de que sua função dentro da escola é indispensável no processo de desenvolvimento da criança, isso não quer dizer que só ele vai fazer com que a criança aprenda, mas a instituição escolar foi criada intencionalmente para transmitir determinados conhecimentos científicos, pois no seu cotidiano a criança só tem acesso na grande maioria ao conhecimento prático. Por isso a escola e em particular o professor deve entrar com o processo de instrução, juntando o conhecimento prático com o teórico, facilitando o processo de aprendizagem da criança e tornando-se uma via de mão dupla, onde o professor entra com o conhecimento científico e o educando com conhecimento do seu cotidiano, ambos conseguirão aprender.

3 CONCLUSÃO

Concluimos que a teoria Sócio-Histórica contribui para minimizar a indisciplina escolar por ser um trabalho voltado para a autonomia do sujeito, tendo como metodologia principal o processo de mediação e prática cooperativa, onde o erro do aluno não é visto simplesmente como erro acabado, mas como forma do início de uma aprendizagem, além de ser um trabalho voltado para melhorar a auto-estima do mesmo, pois é feito todo um processo de motivação, buscando um conhecimento de se e do outro que está ao seu redor. Percebemos também que grande parte do comportamento indisciplinado inicia-se na falta de limites que não são trabalhados pela família.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, Mine Aurélio Século XXI: **O Minidicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FREIRE, Paulo (1989). **Educação como Prática da Liberdade**, 19.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

REBELO, Rosana Aparecida Argento. **Indisciplina escolar: causas e sujeitos: a educação problematizadora como proposta real de superação**/Rosana Aparecida Argento Rebelo Petrópolis RJ: Editora Vozes, 2002.

SOUZA, Ana Maria Martins de. **A mediação como principio educacional: bases teóricas das abordagens de Reuven Feuerstein**/ Ana Maria Martins de Souza, Léa Depresbiteris, Osny Talles Marcondes Machado. – São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

_____, L. S. **Pensamento e Linguagem**. SP, Martim Fontes, 1999.

_____, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.